

# A ÉTICA PARA O CONSUMO SUSTENTAVEL

**Enedina Maria Teixeira da Silva**

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Campus, Camobi, Santa Maria/RS, 97105-900

**Iara Canto Garzon**

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Campus, Camobi, Santa Maria/RS, 97105-900

**Jorge Orlando Cuellar Noguera**

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Campus, Camobi, Santa Maria/RS, 97105-900

## **Abstract**

*Human life on Earth has always assumed the most diverse forms of activities to satisfy man kind needs. During millions of years man kind lived hunting animals and collecting fruits, they were constantly searching food that nature could offer them, indispensable to their survival, keeping a harmonious relationship with mother nature. The increasing of the actual patterns of consumption made possible by the advance of industrial production has its basis in technology, science and information. The unsustainable patterns of consumption and production are the causes of the non-stoppable deterioration of world environment. We need to develop an example that would reach the consumers' mind, increasing their attitudes of respect, ethical consumption and engagement with social and ecological aspects. Because of this we need companies that search for continuous improvements of their products, where the analyses of their way of life would be integrated with the preservation of the environment and actual and future generations.*

**Keywords:** *environment, consumption and ethics.*

## **1. Introdução**

A formação de um consumidor-cidadão implica necessariamente numa nova postura diante do ato de consumir, de um maior conhecimento sobre o consumo sustentável. Esse é um tema de discussões relativas ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e nasceu como uma demanda do movimento ambientalista, que passou a questionar o modelo de desenvolvimento econômico atual, altamente baseado na exploração irracional dos recursos naturais.

Os seres humanos historicamente têm exercido enorme pressão sobre a natureza, explorando os bens ambientais de forma avassaladora e irracional, para a produção de seus bens de consumo.

Desenvolvimento sustentável é desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades.

## **2. Evolução dos padrões de consumo e suas discussões**

### **2.1. Década de 1940/1950**

Com a Revolução Industrial, e a partir de 1945 o desenvolvimento adotado pelo homem revelou-se incapaz de manter uma relação viável entre os princípios ecológicos e as atividades de produção e consumo. Com o aumento das exportações, acelerando o pro-

gresso industrial e conseqüente equilíbrio econômico com a criação do consumo de massa iniciaram-se as ameaças ao meio ambiente.

Em 1950 Jack Kilby nos Estados Unidos e Geoffrey Dummer na Inglaterra descobriram os princípios dos circuitos semicondutores, e no final da década, estes ganharam corpo nas instalações da Texas Instruments, primeira fabricante dos circuitos integrados, os chips, iniciando então a gestão e tecnologia a serviço do consumo personalizado, a empresa na era do silício. O silício é a chave de uma nova era. Depois de apurado pelo homem e pela tecnologia, surge então uma lista de transformações da “era do silício” incluindo novas ciências como a informática, microeletrônica, robótica e a mecatrônica.

## **2.2. Década de 1960/1970**

Os debates sobre os riscos da degradação do meio ambiente começaram nos anos 60. Foi nesta época que ocorreu a primeira discussão internacional de políticos envolvendo aspectos ambientais – Clube de Roma – normas para uso de recursos hídricos, e em 1962 foi assinado o Tratado de proibição parcial de testes nucleares, firmado pelos Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha. Esses debates ganharam no final dessa década e início dos anos 1970 uma certa importância maior, pois os países industrializados nesta época estariam com nível exagerado de consumo, devido ao processo de consolidação do capitalismo internacional. Ainda não se falava de educação ambiental, mas os problemas ambientais já demonstravam a irracionalidade do modelo de desenvolvimento capitalista.

### **2.2.1. Conferência de Estocolmo**

Essa densidade dos anos 1970 possibilita a primeira grande discussão internacional, a “Conferência de Estocolmo de 1972”, sobre problemas do meio ambiente urbano, que reuniu 113 países, 250 Organizações não governamentais (ONGs) e organismos da Organização das Nações Unidas (ONU), cuja discussão foi centrada nos impactos da ação humana sobre a natureza e os decorrentes riscos para o bem-estar e para a própria sobrevivência da humanidade. Foi marcada por uma visão antropocêntrica de mundo, em que o homem era tido como a centro de toda a atividade realizada no planeta, desconsiderando o fato de que a espécie humana é parte da grande cadeia ecológica que rege a vida na Terra. Essa conferência foi marcada pelo confronto entre as perspectivas dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento. Os países desenvolvidos estavam preocupados com os efeitos da devastação ambiental sobre a Terra, propondo um programa internacional voltado para a conservação dos recursos naturais e genéticos do planeta, pregando que medidas preventivas teriam que ser encontradas imediatamente, para que se evitasse um grande desastre. Por outro lado, os países em desenvolvimento argumentavam que se encontravam assolados pela miséria, graves problemas de moradia, saneamento básico e doenças infecciosas portanto necessitavam desenvolver-se economicamente e rapidamente. Questionavam a legitimidade das recomendações dos países ricos que já haviam atingido o poderio industrial com o uso predatório de recursos naturais e que queriam impor a eles complexas exigências de controle ambiental, podendo encarecer e retardar a industrialização dos países em desenvolvimento. A Conferência produziu a Declaração sobre o Meio Ambiente Humano, uma declaração de princípios de comportamento e responsabilidade que deveriam governar as decisões concernentes às questões ambientais.

Em 1974 o mundo enfrenta a primeira crise do petróleo, o fato surgiu para repensar o consumo desenfreado dos recursos naturais considerados até então ilimitados. Também neste mesmo ano, os cientistas americanos Rowland e Molina chamam a atenção para os perigos da destruição da camada de ozônio pelo cloro-fluor-carbono (CFC). A partir desta década qualquer acidente ecológico passou a ter um espaço bem maior na mídia.

## **2.3. Década de 1980/1990**

A década de 1980 caracteriza-se por uma profunda crise econômica que afeta os países do mundo, as relações entre a economia e a ecologia estão conflitantes e surge a necessidade de adoção de um novo sistema ambiental. Em 1980 a União Internacional para Conservação da Natureza (UICN) lançou o documento “Estratégia Mundial para a Conservação” (EMC), com o objetivo de contribuir para a formulação de políticas de desenvolvimento sustentado. Nesta época no Brasil, ocorre a criação da política nacional do meio ambiente e a partir de 1985, a política oficial de meio ambiente é executada pelo Sistema Nacional de Meio Ambiente e Conselho Nacional de Meio Ambiente, e em nível técnico pelo IBAMA (instituto Brasileiro do Meio Ambiente).

Em 1988 a revista Time publica uma matéria, onde destaca “o ano em que a terra falou”, pois neste ano, foram vários os casos de seca, ondas de calor, fogo em florestas, enchentes e furacões violentos que aterrorizavam os povos.

A análise da economia mundial das três últimas décadas revela que a brecha entre países desenvolvidos e em desenvolvimento tem aumentado. Nesse período a economia dos países desenvolvidos caracterizou-se por processos inflacionários associados a um crescente desemprego, fomentando a uma combinação de políticas macroeconômicas que aumenta os problemas sócio-ambientais.

### **2.3.1. Rio 92**

Nesse contexto internacional começa a maior conferência internacional realizada até os dias de hoje sobre matéria ambiental, que foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. Nessa conferência, e no Fórum paralelo das organizações não-governamentais, discutiu-se amplamente o tema do consumo sustentável. A Conferência da ONU propiciou um debate e mobilização da comunidade internacional em torno da necessidade de uma urgente mudança de comportamento visando à preservação da vida na Terra. A Conferência ficou conhecida como Cúpula da Terra (Earth Summit) e contou com a presença de 172 países (apenas seis membros das Nações Unidas não estiveram presentes), representados por aproximadamente 10.000 participantes, incluindo 116 chefes de Estado. Um dos resultados dessa conferência foi a aprovação da Agenda 21, um abrangente plano de ação a ser implementado pelos governos, agências de desenvolvimento, organizações das Nações Unidas e grupos setoriais independentes em cada área em que a atividade humana possa afetar o meio ambiente. Esse plano visa primordialmente ao estabelecimento de um modelo de desenvolvimento econômico que seja sustentável sob o ponto de vista ambiental.

### **2.3.2. Agenda 21**

Dentre as propostas de ação, constam aspectos específicos sobre o consumo sustentável, condição inequívoca para a consecução do objetivo maior da Agenda 21, que é o desenvolvimento sustentável. A Agenda 21 procura compatibilizar o direito ao desenvolvimento, principalmente para os países que não atingiram níveis adequados de renda e de riqueza, e também o direito ao meio ambiente saudável e equilibrado, que deve ser garantido para as gerações futuras.

A discussão sobre o tema do consumo sustentável no nível internacional avançou após a adoção da Agenda 21. Em 1995, a Comissão de Desenvolvimento Sustentável da ONU recomendou que as diretrizes de proteção do consumidor, já consolidadas em norma da organização, fossem expandidas e passassem a incluir diretrizes sobre padrões de consumo sustentável. Outro órgão da ONU, o Conselho Econômico e Social (ECOSOC), aprovou resolução no mesmo ano (n. 1995/53), para elaboração de diretrizes na área de padrões de consumo sustentável. Posteriormente, as Nações Unidas patrocinaram uma série de reuniões de especialistas para a formulação de norma sobre esse teor, tendo sido reali-

zada uma no Brasil, em 1998, sob o co-patrocínio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

Em 1996 ocorre a emissão da ISO 14001 como norma internacional, que trata da preservação do meio ambiente, e mais outro elenco de séries que se complementam em prol da qualidade de vida do ser humano no planeta terra.

#### 2.4. Brasil, ano 2000

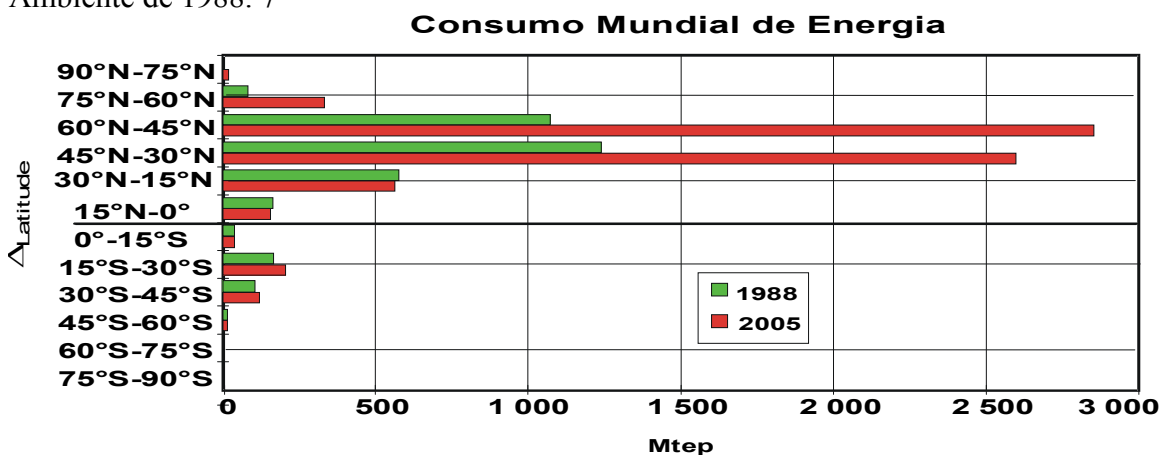
No ano de 2000, o Governo Federal publicou um estudo - objeto de contratação de consórcios de cientistas, estudiosos e técnicos do tema sustentabilidade - que foi intitulado Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira. O estudo foi dividido em vários capítulos e as questões do consumo sustentável e da sustentabilidade foram amplamente discutidas no capítulo intitulado Cidades Sustentáveis.

### 3. Consumo sustentável

A intervenção do homem na natureza é determinada pelo consumo, as formas como são extraídos e transformados os recursos naturais, as tecnologias utilizadas, o nível de eficiência e as perdas de sistemas produtivos irão determinar o grau de depredação do ambiente. A ação dos decompositores na renovação da produção da natureza inclui escalas de tempos extremamente díspares entre a reciclagem de recursos naturais e o modo como temos consumido esses recursos na curta história humana no planeta Terra.

A sociedade tecnológica é intensa e urgente em fazer sempre mais rápido na produção artificial e no consumo, enquanto que a Terra é mais lenta em sua produção natural, não consegue recompor os recursos ao respeitar seu próprio tempo em realizar o seu processo natural de produção e portanto economizando a natureza.

O consumo e a distribuição desigual de recursos energéticos entre indivíduos, culturas e sociedades no planeta, tem crescido de forma preocupante e concentrada, no modelo atual de consumo os recursos naturais estarão próximos da exaustão conforme o relatório do Fundo Mundial para a Natureza (WWF), revela que o uso de recursos naturais pelo homem excedeu em 42,5% a capacidade de renovação da biosfera. Chamado de Relatório Planeta Vivo 2000, o estudo se baseou no índice de pressão ecológica que cada habitante exerce sobre o planeta, como podemos observar no gráfico abaixo do Ministério do Meio Ambiente de 1988. 7



Fonte: Ministério do Meio Ambiente, 1988

A única opção que viabiliza o desenvolvimento econômico sem a exclusão social e em harmonia com o meio ambiente, segundo SILVERSTEIN (1993, p. 189) “O que é bom para o meio ambiente = O que é bom para a economia”.

A mudança dos paradigmas do sistema de consumo e de produção de forma que satisfaça as necessidades de todos a um baixo consumo de energia e de recursos naturais,

para que toda a população do planeta tenha no mínimo qualidade de vida excluindo-se a maneira como se apresenta atualmente onde apenas 25% dos países possuam condições de vida ótima e com respeito a biodiversidade e ao meio ambiente, tendo como desafio o modelo de desenvolvimento sustentável, onde economia e natureza possuam relacionamento harmonioso

#### **4. Tecnologias Sustentáveis**

Na atualidade uma das questões preocupantes é o desenvolvimento de produtos que causem o menor dano possível ao meio ambiente, a partir da Conferência de Estocolmo, 1972 meio ambiente foi citado como fonte inesgotável de recursos e capacidade de absorver dejetos mas como um bem da humanidade e que deve ser protegido.

A conferência idealizada como um esforço global para enfrentar os problemas do meio ambiente, com a superação das divergências entre os países foi elaborado um documento intitulado Declaração sobre o Ambiente Humano, este cria o direito a um ambiente de boa qualidade e o dever de preservá-la para as gerações presentes e futuras, mas não só se refere somente aos aspectos do ambiente físico, repudiando as discriminações raciais ou culturais no ambiente social. Manifesta-se politicamente, a favor dos países pobres, apoiando a opção pelo desenvolvimento econômico, requisitando, inclusive, a adoção de medidas de ajuda cedência de capital, tecnologias e outros fatores necessários ao desenvolvimento do país.

Em 1992, a Conferencia das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, Rio-92, entre os temas propostos encontra-se os relacionados com o desenvolvimento de produtos, a necessidade de se tornar a tecnologia ambientalmente sustentável e que ocorra o desenvolvimento de produtos menos poluentes, planejados em toda sua amplitude do seu trajeto: projeção-industria-consumo-retorno.

A concepção de produtos que não prime a proteção do meio ambiente, segundo Callembach (1993, 56) “A importância da cooperação entre os agentes do ciclo completo de vida de um produto – matérias-primas, passando pela produção, até o uso e o descarte-deriva do fato de que os efeitos econômicos ecológicos obedecem a leis diferentes. Enquanto a competição é o primeiro norteador no primeiro caso, a cooperação é essencial no segundo.”

O modo de produção capitalista enfatiza uma separação entre os ciclos naturais e o ciclo econômico, neste final de século, é imprescindível que a consciência de que o desenvolvimento de produtos e o objetivo das novas tecnologias utilizando novos materiais, tenham como prioridade a criação de produtos recicláveis ou reaproveitados como preconiza a Agenda 21 no seu capítulo 21 através da criação de quatro áreas programas para a administração dos resíduos:

- a- minimização do lixo
- b- reciclagem e reutilização
- c- tratamento e despejo ambientalmente saudável e
- d- ampliação dos serviços de lixo.

O desenvolvimento e a introdução de novas tecnologias de produção, deve ser realizado de maneira a utilizar a menor quantidade de energia e matéria-prima possível, gerando também menores quantidade de resíduos, segundo DEMAJOROVIC (1995, p.93) “O setor de consumo também representa parte importante desse processo. Modificações dos hábitos de consumo, como priorizar a compra de produtos que utilizem menos embalagens ou produtos que possam ser reciclados, constituem exemplos da contribuição deste setor. Com a adoção dessas medidas e da montagem desse sistema complexo, espera-se alcançar os seguintes objetivos: redução do consumo de recursos naturais, de material e energia, redução da poluição decorrente do processo de produção, redução do volume de resíduos. São, portanto, as diretrizes da atual política de gestão de resíduos, as seguintes

prioridades: evitar ou quando não for possível, diminuir a produção de resíduos, reutilizar, reciclar resíduos, utilizar a energia presente nos resíduos inertizar e dispor os resíduos.”

## **5. Consumo Ético**

Os padrões atuais de consumo em escala crescente possibilitado pela produção industrial que tem como base o avanço tecnológico a ciência e a informação, mas que infelizmente são incapazes de apresentar um relação de harmonia com a natureza, segundo SANTOS (1997, p.44) “Senhor do mundo, patrão da Natureza, o homem se utiliza do saber científico e das invenções tecnológicas sem aquele senso de medida que caracterizará as suas primeiras relações com o entorno natural. O resultado, estamos vendo, é dramático.”

As mudanças provocadas na natureza tornam-se muitas vezes irreversíveis. O consumo acelerado gera o descarte também em excesso, o que não possibilita a natureza o tempo necessário para que esta realize a transformação dos produtos ou materiais descartados pelo homem, ou seja, a produção, consumo e o descarte são completamente opostos ao ciclo de produção natural realizado pela natureza.

A pressão ambiental exercida pelo consumidor de alimentos, matéria-prima e energia aos recursos naturais está tornando-se inviável manter os atuais padrões de consumo adotado principalmente pelos países desenvolvidos.

A necessidade da adoção pelos cidadãos do planeta pelo consumo ético em detrimento do atual modelo hoje existente do consumismo, faz-se principalmente pelos países que se apresentam na vanguarda da tecnologia, ciência e informação, precisamos mais do que nunca pensar, falar e agir para encontrarmos o caminho que leve a humanidade desenvolver-se economicamente e ambientalmente, a harmonia do uso dos recursos naturais pelo homem, não necessariamente devemos viver um retrocesso da evolução, mas sejamos e saibamos viver e usufruir dos recursos naturais renováveis e não-renováveis presentes na natureza.

## **6. Análise Final**

Desenvolvimento sustentável é desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades.

Toda a atividade econômica e o consumo devem estar inflexivelmente sujeitos às leis de conservação de matéria e energia, com uma visão termodinâmica de índole orgânica e sistêmica, que procure entender os processos naturais, como o da homeostase, para a construção da sustentabilidade econômica e social. O que se discute é a busca da atividade humana e do processo econômico como expressão de relações entre o homem e o meio ambiente, à base da qual possam elaborar o desenvolvimento sustentável.

## **7. Bibliografia**

CALLENBAC, E. CAPRA F. et alli. **GERENCIAMENTO ECOLÓGICO**. Editora Cultrix, São Paulo, 1999.

DEMAJOROVIC, J. **DA POLITICA TRADICIONAL DE TRATAMENTO DO LIXO À POLÍTICA DE GESTÃO DE RESIDUOS SÓLIDOS – AS NOVAS PRIORIDADES**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, nº 3, pg. 88-93, maio/junho 1995.

EVOLUÇÃO: São Paulo, <http://www.bio2000.hpf.com.br/anos70.htm/anos80.htm/anos90.htm>.

KARSAKLIN, E. **COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR**. São Paulo: Atlas, 2000.

**RIOS, L.O. EMPRESAS BRASILEIRAS DE CLASSE MUNDIAL: REPOSICIONANDO AS ESTRATÉGIAS DE VENDAS & ATENDIMENTO E CLIENTES EM MERCADO GLOBAIS.** São Paulo, Ômega, 1999.

LINHA DO TEMPO: São Paulo, [http://www.uol.com.br/ambiente\\_global/site/linha-tempo/linha do tempo-evolução.htm](http://www.uol.com.br/ambiente_global/site/linha-tempo/linha%20do%20tempo-evolu%C3%A7%C3%A3o.htm), capturado em 29ABR2001.

**SANTOS, M. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO.** Editora Hucitec, São Paulo, 1997.

**SILVERSTEIN, M. A REVOLUÇÃO AMBIENTAL.** Editora Nórdica, rio de janeiro, 1993.